

D' Ori Vergalhão
Vamos à Sertaneja!

Vamos à Sertaneja!

D'ori Vergalhão

VAMOS À SERTANEJA!

2013

Primeira edição

Vamos à Sertaneja!

© Livrorama, 2013

1ª edición

ISBN:

Impresso em Brasil / *Printed in Brasil*

Impresso por Livrorama

D'ori Vergalhão

e-mail:

dorivergalhao@yahoo.com.br

Vamos à Sertaneja!

VAMOS À SERTANEJA!

Ana Beatriz viu mamãe arrumando as malas para a viagem. Eufórica correu ao quintal dos fundos da casa, onde Bruno tranquilamente brincava com seus caminhõezinhos sob a mangueira.

- Bruno, Bruno! - Gritou alegre e festiva, chamando pelo irmão. - Nós vamos para Sertaneja!

Imediatamente Bruno abandonou o seu brinquedo e debandou aos gritos de felicidade para dentro de casa, correndo serelepe ao quarto onde mamãe Gretchen ajeitava os agasalhos e demais pertences dos pequenos na grande mala preta.

Nesta noite Bruno custou dormir, tamanho a ansiedade que o deixava inquieto na cama. Ao alvorecer tomariam uma circular da empresa Pevê-Tur até o terminal rodoviário de São José do Rio Preto, aonde fariam o embarque num ônibus da Viação Guerino Seiscento com destino a Assis. Para se chegar a

Vamos à Sertaneja!

Sertaneja é preciso fazer baldeação nesta cidade. Embora essa troca de coletivos, é a mesma Viação Guerino Seiscento que cruza a fronteira do Estado do Paraná. Sertaneja é o primeiro município paranaense para quem viaja de Assis, pelas Rodovias Miguel Jubran e Celso Garcia Cid, com destino à Londrina. A cidade se localiza a poucos quilômetros do Rio Paranapanema. É uma verdadeira jóia incrustada no verdor de exuberantes lavouras de milho e de soja, uma beleza de se ver.



Já madrugada alta Bruno sentiu o cansaço quebrando-lhe os ânimos e acabou por cochilar. Só por um momentinho, pois neste ínterim ouviu o rugido de um motor possante a sacudir as

paredes do seu quarto, qual fosse um tremor de terra. Mas sabia de velho e caduco que no Brasil não existem terremotos. Pelo menos, não nesta região do Brasil onde se localiza Bady Bassitt. Cutucou Ana Beatriz, que dormia na caminha ao lado da sua.

- Acorde mana! Alguma coisa estranha está acontecendo lá fora. Vamos ver!

Ana Beatriz pulou rapidamente do seu colchão. Já na sala, ao virar a maçaneta da porta da frente, Bruno sentiu seu cabelo arrepiar, mas corajosamente tomou sua irmãzinha pela mão e foram ao portão da rua dar uma espiada. O que viu não conseguiu entender, porém o assustou pacas, tanto que voltou correndo para o alpendre e se escondeu atrás da mureta. Mas, percebendo que Ana Beatriz não se intimidara, pelo contrário, abria o portão e curiosa saía para a rua, Bruno sentiu o dever de arranjar coragem e ir a socorro da irmãzinha. Para não correr o risco de bater novamente em retirada estratégica,

Vamos à Sertaneja!

como gosta de dizer, preferiu sair correndo como doido, pois isso sempre lhe traz coragem. Em todas as ocasiões de risco Bruno corre. Se não for para se esconder, certamente será para enfrentar o perigo e esta estratégia sempre lhe dá certo. Tanto que, quando em certa tarde, ao retornar da escola Janjão quis lhe bater, Bruno jogou a mochila escolar na calçada, cerrou os punhos, fez cara de brabo e partiu em disparada em direção ao brigão. Este, sem esperar pela reação do seu rival, se assustou e fugiu covardemente para sua casa. Nunca mais teve a petulância de provocar Bruno. Mas agora sua missão era muito mais importante e perigosa e dependia de toda a coragem deste mundo. Chegando à rua, Bruno agarrou a irmãzinha pelo braço na tentativa de trazê-la de retorno ao quintal. Ana Beatriz parecia hipnotizada. Em pé, completamente paralizada no meio da rua, olhava o interior da praça que fica defronte sua casa. Bruno também olhou e ficou boquiaberto. A Praça estava completamente diferente e, parado bem no meio dela, vejam só o que as crianças

viam!... Um trem! Mas não um trem qualquer, desses de carga que sempre apreciam na estação ferroviária de Rio Preto. Os dois traquinas não acreditavam no que seus olhos enxergavam. Aliás, acreditavam sim, pois era notório que estava lá, parador e ricamente iluminado.

- Um trem-bala! - Exclamou Bruno.
-Daqueles modernos e possantes que correm em trilhos japoneses!

Resolveram então dar uma espiada de pertinho.

- Como você sabe que é um trem-bala? -Indagou um tanto incrédula Ana Beatriz. - Você nunca viu um! Somente sabe que existem porque sua professora comentou, na semana passada, que vão instalar o primeiro no Brasil fazendo o percurso Rio São Paulo.

- Claro que é um trem-bala! - Bruno retrucou com veemência. - Basta olhar pra se saber que é um.

Vamos à Sertaneja!



Rodearam com curiosidade o espetacular comboio. Bem no alto, na frente da locomotiva, lia-se o itinerário luminoso: SERTANEJA.

- Veja só! - Gritou Bruno todo feliz da vida ante a descoberta que acabara de fazer. - Venha ver Ana Beatriz! Sabe para onde vai esse trem?

Ana Beatriz sorriu alegremente.

- Vamos embarcar, então, que estamos esperando?

Bruno olhou seriamente para a irmãzinha.

- Mas vamos sem a mamãe?

- É claro! – Gritou Ana Beatriz, dando pulinhos de contentamento. – Se falarmos para mamãe ela não nos deixa ir!

- É!... Você está certa! – ponderou Bruno. – Mas acho que ela vai ficar braba!

Aí veio cisma em Ana Beatriz.

- Como se entra num trem-bala?

Bruno meneou com a cabeça e olhou sério para a menina. Respondeu-lhe já com a paciência curtinha:

- Não entra sua boba! A gente vai sentado em cima.

- Mas então não é trem-bala, é trem-cavalo! – Riu-se Ana Beatriz.

- Tá bem! Tá bem! – Falou meio irritado, no entanto dando razão à irmãzinha. – Vamos ver como se entra nele, então!

Neste momento escutaram uma voz gutural que os fez arrepiar todinhos. Uma

Vamos à Sertaneja!

voz metálica, programada como a de um robô.

- Se entra querendo, amiguinhos!
Basta desejarem e entrarão!

- Como assim? – Bruno esqueceu-se do susto que levava e perguntou ao trem. Este lhe respondeu:

- Basta desejarem! O desejo no meu mundo é a mágica que realiza todos os sonhos. Nas paragens de onde vim, basta desejar para conseguir tudo o que se quer; desde que o desejo seja bom.

- Pois então desejamos entrar no trem, falaram uníssonos Ana Beatriz e Bruno.

E, não é mesmo que o seu anseio foi realizado? No mesmo momento Bruno e Ana Beatriz já se encontravam sentados em confortáveis poltronas dentro do primeiro vagão. Espiaram pela janela. Mamãe Gretchen havia percebido que os dois sapecas não estavam nas suas camas e viera a sua procura. Ana Beatriz acenou-lhe com a mãozinha.

- Corre mamãe! Venha conosco à Sertaneja!

Bruno enfiou a cabeça para fora da janela e gritou.

- Basta desejar entrar, mamãe! Pense forte que você quer entrar no trem e entrará!

Neste momento o trem apitou avisando sua partida.

- Rápido mamãe! - Gritaram afobados, ambos temerosos que o trem partisse sem que sua mãe entrasse no vagão. Mas, num piscar de olhos, mamãe Gretchen já estava sentada na poltrona ao lado. Ouviram o chuc!, chuc!, chuc! da locomotiva e logo mais o comboio partia velozmente.

Novamente ouviram a voz metálica.

- Meus amiguinhos, preciso da sua ajuda para uma missão importantíssima. Vamos fazer um breve desvio do nosso percurso para irmos à salvação de milhares de criancinhas que estão

Vamos à Sertaneja!

sofrendo, vítimas de uma guerra insana.
Vocês topam?

- Topamos! – Gritaram animados,
desejosos de colaborar com a missão tão
importante.

No mesmo momento o itinerário
mudou-se na frente do trem e agora se
lia: DAMASCO.

- A guerra é cruel. Nós devemos
agradecer a Deus por vivermos num país
pacífico, o Brasil. E rezar, rezar muito
pelas pessoas que estão morando nos
lugares em conflito, como a Síria agora. -
Ouviram a voz metálica sugerir. - Vamos
fazer uma oração por elas, meus
amiguinhos? - E seguidamente iniciou:

Meu Deus!

Sabemos que você nunca quis a
guerra. Criou-nos com carinho, nos
presenteou com este planeta maravilhoso
para vivermos em paz conosco, com
nossos semelhantes e com os demais
seres, tão belos, que você fez.

Mas nós humanos somos perniciosos. Desde o início da criação escravizamos outras pessoas, lhes roubamos as casas onde habitam com seus familiares, matamos e destruimos.

Por isso, talvez, esteja um tanto desanimado com a sua mais perfeita criação, que somos nós, seres pensantes.

Somente nós temos a capacidade de amar plenamente, mas também podemos odiar. E, muitas vezes, o ódio se associa à ganância do poder tornando-se mais forte que o amor.

Criamos remédios tão importantes para vivermos com saúde, desenvolvemos técnicas avançadas de produção de alimentos sempre mais fartos e mais saudáveis, mas também fazemos armas terríveis que alejam e matam nossos semelhantes.

O avião, criado para ser utilizado somente para o bem, derrama milhares de bombas sobre pessoas inocentes,

Vamos à Sertaneja!

arrasando cidades inteiras, causando tanta dor e sofrimento.

Países ricos, que têm o dever de disseminar a paz e ajudar no avanço tecnológico e na prosperidade dos povos pobres, financiam grupos guerrilheiros ou mesmo governos autoritários, produzindo guerras pelo mundo afora no intuito de venderem as armas que fabricam, quando deveriam fechar suas indústrias bélicas ou transformá-las em fábricas de bens propícios aos caminhos da paz.

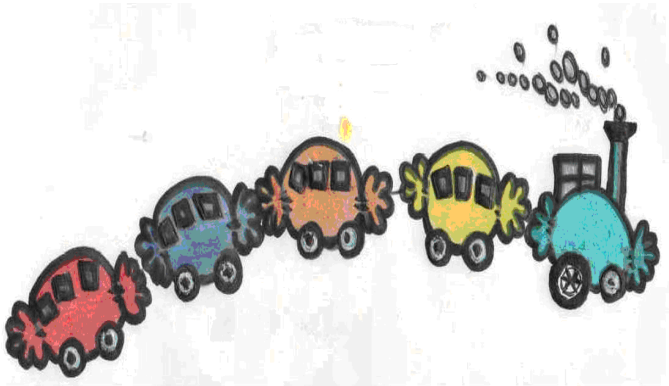
Constata-se a falta de solidariedade nas nações, entre os grupos étnicos de um país muitas vezes retalhado por posições religiosas que, embora a fé seja direcionada a você único e poderoso Deus, hostilizam e praticam crimes hediondos contra aqueles que são irmãos de sangue e de raça.

Estamos aqui, nesse momento, para pedirmos humildemente que não nos abandone à própria sorte. Venha em nosso socorro e ilumine as mentes e os corações dos líderes mundiais; que todos

tenham o consenso que a paz é importante e imprescindível para crescermos espiritual e materialmente.

Desta forma sejam dizimadas para todo o sempre a guerra e a dor que transtornam esse planeta maravilhoso que você nos deu e por ele temos o compromisso de zelar.

Amém!



Bruno espiou pela janela e chamou a atenção de Ana Beatriz.

- Veja, as luzes de Damasco! Já estamos na Síria.

Vamos à Sertaneja!

- Mas também há fumaça e clarões de incêndios e ouço explosões de bombas na periferia. -Salientou Ana Beatriz.

- É a guerra, meus amiguinhos! Quisera eu que nunca vissem tamanha maldade e tristeza, mas preciso da sua ajuda para por um fim nisso tudo e já tenho um plano que logo mais vou confidenciar a vocês. - Falou-lhes o trem ao manobrar e frear com ruído metálico, parando numa rua deserta no momento em que caças zumbiam no céu turvo e despejavam sua carga mortal sobre um conjunto de casas próximo ao rio Barada.

Ana Beatriz observou os aviões riscando o céu da cidade. Desejou com toda a força capaz que as bombas lançadas pelos aviões se transformassem em cestos de alimentos e remédios. Ouviu, vindo das casas miradas pelos pilotos dos caças de guerra, os gritos das mulheres e das crianças; mas desta vez não eram gritos de morte, dor ou sofrimento. Eram gritos de felicidade por parte das pessoas que aclamavam e se